

ASPECTOS DA COMPOSIÇÃO NOMINAL NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Ieda Maria ALVES *

RESUMO: Com base em um corpus de vocabulário político constituído pelos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, analisados durante o ano de 1986 (amostragem sistemática de 30%), estudamos os neologismos formados por composição substantiva. Alguns substantivos, com função determinante, ocupam tão freqüentemente a segunda posição na composição por justaposição, que tendem a perder parte de seu significado e a adquirir um valor sufixal.

UNITERMOS: Vocabulário político; composição; derivação sufixal.

I. Dentre os processos utilizados pelo português para a ampliação de seu léxico, a composição e a derivação são sempre citadas pelos gramáticos como mecanismos intrínsecos, isto é, constituem recursos provenientes da própria língua para a expansão lexical (cf. 12, p. 183; 4, p. 80; 11, p. 213; 9, p. 95 . . .). Além desses processos, a língua portuguesa emprega também outros recursos, ainda que esporadicamente: formações onomatopaicas e acronímicas, amálgamas e criações *ex-nihilo*.

Analisando o noticiário político nacional e internacional dos jornais *Folha de S. Paulo* (F) e *O Estado de S. Paulo* (E) durante o ano de 1986 (amostragem sistemática de 30%), defrontamo-nos com vários elementos neológicos formados pelo processo da composição.** Nem todas as unidades léxicas recenseadas pertencem exclusivamente à terminologia política: o discurso político, veiculado pela imprensa escrita e oral, faz com que termos políticos passem à língua geral

* Departamento de Linguística — Instituto de Letras, História e Psicologia — UNESP — 19800 — Assis — SP.

** Consideramos neológicas as unidades lexicais não registradas pelo *Novo dicionário da língua portuguesa*, de A. B. de Hollanda Ferreira (7).

ou sejam influenciados por ela; recebe, também, muitos elementos de outros domínios técnicos e científicos (cf. 2, p. 906-7 e 3, p. 38-9).

Inventariamos criações neológicas compostas pela justaposição de substantivo mais substantivo (*deputado-cantor*), substantivo mais adjetivo (*populismo-sindicalista*), adjetivo mais adjetivo (*esquerdo-estatizante*), substantivo mais advérbio (*diretas-já*), preposição mais substantivo (*sem-terra*), verbo mais substantivo (*quebra-partidos*), substantivo mais preposição mais substantivo (*boca-de-urna*), e pela aglutinação de dois substantivos (*brasiguaió*). Dentre os neologismos formados pela justaposição de dois substantivos, na qual o primeiro elemento exerce a função de determinado, algumas criações léxicas chamaram nossa atenção: alguns substantivos são tão freqüentemente utilizados na segunda posição, como determinantes, que tendem a perder uma parte de sua significação e a adquirir um valor sufixal.

Na verdade, a divisão em formação de palavras por composição e por derivação não é unanimemente estabelecida por estudiosos das línguas. Meyer-Lübke, F. Brunot, A. Dauzat, Nyrop, Said Ali, A. Nascentes, Rocha Lima, C. Cunha, L. Sintra... consideram a formação prefixal um tipo de derivação. Outros autores, como Bourciez, Garcia de Diego, J. J. Nunes, Ribeiro de Vasconcelos, Mattoso Câmara Jr. ... preferem classificar os prefixos como constitutivos da composição. Sobre essa polêmica, comenta Said Ali: "Estoutra doutrina, plausível à primeira vista, em se tratando de partículas usadas como vocábulos independentes, tropeça contudo ao chegar o momento de analisar elementos formativos do tipo *dis-,re-,in-* negativo e aqueles que, como *pre-,ob-*, já não usamos como palavras isoladas. É fácil afirmar que não são ou foram preposições ou advérbios. Equivale este argumento a uma petição de princípio. Nada se sabe da existência de tais vocábulos independentes nem em latim nem em outra língua indo-européia. Por toda a parte ocorrem estes elementos funcionando sempre como prefixos" (13, p. 229-30). Mesmo na derivação sufixal, continua Said Ali (13, p. 230), nem sempre é fácil separar a composição da derivação. Em latim, a partícula *mente*, substantivo, fazia parte de formações compostas: *bona mente*, *fera mente*. A partir do momento em que passou a juntar-se a adjetivos, como em *rapidamente*, *recentemente*, perdeu a significação e o valor de substantivo e, de termo componente, passou a funcionar como sufixo criador de advérbios.

A respeito da relação existente entre composição e derivação, diz-nos A. Martinet (10, p. 134) que o que há de comum entre compostos e derivados é a unidade semântica do conjunto, a qual é marcada pelo fato de cada um deles corresponder normalmente a uma só escolha. Além disso, os monemas unidos pela composição e pela derivação são formalmente indissociáveis. Martinet distingue o *sintagma* propriamente dito do *sintema*, ou seja, o conjunto formado pelos monemas constitutivos da composição e da derivação. A tais monemas dá o nome de *ligados*.

A diferença entre composição e derivação reside, ainda, segundo Martinet (10, p. 136-7), no fato de que os monemas que formam um composto funcionam independentemente dos compostos, o que não ocorre com os monemas chamados afixos, que se juntam a um radical para formar um derivado. A passagem de um elemento composto para elemento afixal existe quando um monema passa a ser empregado apenas na composição: é o que ocorreu com o elemento *-hood*, do inglês *boyhood*, e com o monema *-heit*, do alemão *Freiheit*. No caso dos compostos eruditos, cujas partes não funcionam isoladamente, houve, originalmente, empréstimo de seus elementos a uma língua clássica.

II. No *corpus* que estudamos, os substantivos que exercem função determinante e ocupam a segunda posição na composição por justaposição são 13: *base, candidato, chave, chefe, comício, compromisso, empresário, fantasma, limite, monstro, presidente, suicida, tanque*. A produtividade desses elementos é bastante variada. *Chave*, que atua como determinante em vinte e duas criações neológicas, constitui o substantivo mais produtivo. *Fantasma* e *chefe* são também frequentes. Os demais substantivos funcionam num pequeno número de formações.

O elemento *chave* apresenta-se em campos semânticos bastante variados. Pode indicar a *interrogação*: “Segundo o jornal La Stampa, de Turim, a interrogação-chave, hoje, é a seguinte: [...]” (E, 25-02, p. 9, c. 4); “De qualquer forma, não temos respostas para a pergunta-chave: quem ordenou ou aprovou o desvio de dinheiro aos ‘contras’ [...]” (F, 11-12, p. 7, c. 3); “[...] Shultz está procurando evitar é a paralisação da política externa norte-americana, particularmente em questões-chave como as negociações de desarmamento [...]” (E, 11-12, p. 4, c. 2); um *personagem*: “Segundo a NBC, a figura-chave na transferência dos fundos conseguidos com as vendas foi um general reformado da Força Aérea norte-americana, [...]” (E, 29-11, p. 5, c. 1); “[...] através da eleição de alguns governadores-chaves, nos principais Estados?” (E, 06-06, p. 3, c. 4); “[...] e dizendo que ele garante ‘direito de sigilo’ aos que prestam depoimento e não ouve pessoas-chaves para elucidar o caso” (E, 20-09, p. 8, c. 5); uma *situação geográfica*: “Numericamente, como se está verificando, em todos os Estados-chaves o PMDB está a ponto de colher vitórias” (F, 23-09, p. 2, c. 3); “Além de ser ponto-chave frente ao campo de Ain Al-Hilweh [...]” (F, 25-11, p. 9, c. 1); “É o próprio futuro do império norte-americano que está em jogo numa região-chave, o Pacífico” (F, 25-02, p. 19, c. 4); “[...] tendo em vista sua condição /Alemanha Ocidental/ de território-chave no sistema de defesa da Nato” (E, 16-09, p. 8, c. 1); “Externamente, ela não tem em vista tanto renunciar à política do poder quanto reorientar este poder para zonas-chaves, [...]” (F, 21-12, p. 18, c. 1); uma *função*: “[...] a possibilidade de que candidaturas francamente minoritárias conquistem cargos-chaves na administração” (E, 19-07, p. 2, c. 2); “A revista também diz que a Agência Central de Inteligência — CIA — desempenhou papel-chave na tarefa [...]” (E, 25-11, p. 7, c. 2); “E os respon-

sáveis, [...] começam agora a ocupar posições-chave no aparelho [...]” (F, 21-12, p. 19, c. 2). Aparece também justaposto a *elemento, fator, idéia, órgão, peça, slogan* e aos sintagmas *peça pública* e *posição estratégica*: “O elemento-chave, nesse jogo potencialmente mortal, é a guerra entre o Irã e o Iraque, que se aproxima do seu primeiro aniversário” (E, 04-05, p. 9, c. 2); “A segurança foi o fator-chave para a escolha do local” (E, 19-07, p. 6, c. 6); “[...] leva para o Congresso Constituinte uma idéia-chave tão fácil [...]” (E, 15-11, p. 22, c. 3); “Destá forma, seria mais fácil conhecer os processos, o andamento das contas através de dois órgãos-chave [...]” (F, 30-03, p. 6, c. 5); “O professor habilitado é a peça-chave para a solução dos problemas do ensino” (F, 26-07, p. 2, c. 5); “Mas, na última linha, tropeça num slogan-chave do postulante a uma vaga de constituinte” (F, 04-11, p. 4, c. 2); “[...] a admitirem, sem problemas, não só que Perón voltasse do exílio, mas que fosse a peça pública-chave da sucessão presidencial nas eleições de 1973” (F, 07-09, p. 12, c. 2); “[...] realçando, ao mesmo tempo, a posição estratégica-chave que este arquipélago de 7 mil milhas / Filipinas / ocupa no panorama internacional, [...]” (E, 25-02, p. 3, c. 3). Nesses compostos, *chave* marca claramente a qualidade e a superioridade e perdeu bastante de seu significado primitivo. *

O substantivo *base*, que aparece no *corpus* com apenas quatro exemplos, exerce a função de sinônimo de *chave*: trata-se de um elemento que imprime caráter superior ao substantivo determinado a que se une: “[...] o Brasil vive um período de transição que traz esperança para um futuro melhor, segundo o documento-base do CNL [...]” (E, 31-08, p. 9, c. 3); “O grande esforço dos dirigentes do PMDB será costurar uma unidade prévia em torno de determinados pontos-base da nova Constituição” (E, 13-11, p. 13, c. 3); “Se se cuidasse de torná-la, agora, como texto-base para a redação da / Constituição / de 1987, o País só teria a ganhar” (E, 13-11, p. 13, c. 5); “A família é a unidade-base da sociedade, [...]” (F, 09-11, p. 16, c. 5).

Chefe e presidente integram unidades lexicais pertencentes a vários campos semânticos e indicam sempre aquele que exerce uma função de mando, de chefia: “O candidato-chefe dos racistas, Le Pen, entrega os candidatos da direita [...]” (F, 18-02, p. 3, c. 4); “O governo peemedebista do Paraná mandou recado ontem aos editores-chefes dos mais importantes jornais do Estado, [...]” (F, 25-07, p. 4, c. 2); “Um autêntico *staglunch*, onde as mulheres presentes, além da dona da casa, dona Emília, eram apenas Belisa Ribeiro (jornalista-chefe da campanha) [...]” (E, 18-12, p. 2, c. 5); “[...] o próprio médico-chefe da equipe que atendeu, [...]” (E, 16-07, p. 5, c. 3); “Da outra vez, o general Ivan (de Souza Mendes, ministro-chefe do SNI), estando comigo, [...]” (F, 16-10, p. 8, c. 6); “Na mesma portaria, Castro foi exonerado do cargo de procurador-chefe da

* O *Novo dicionário da língua portuguesa*, de A. B. de H. Ferreira (7), registra *homem-chave* e *posto-chave*.

Procuradoria da República do Rio” (F, 16-10, p. 6, c. 1); “Hoje é diretor-presidente do Grupo Sharp, [...]” (E, 15-10, p. 16, c. 6). Uma formação com *presidente* — *general-presidente* — deve-se ao fato de o Brasil ter tido presidentes que eram generais: “Creio que, em tese, o mandato de quatro anos é curto e o de seis anos longo demais (Como se viu no período dos generais-presidentes)” (F, 16-10, p. 2, c. 5). O presidente da República J. Sarney, que além de presidente é poeta, faz com que sejamos governados por um *poeta-presidente*: “Alfonsín, em vez de um simples brinde de resposta, como seria de praxe, prefere um discurso mais longo, no qual fala do ‘poeta-presidente’, que é Sarney, [...]” (F, 29-07, p. 6, c. 3).

Os neologismos constituídos com o substantivo *limite* marcam o fim de uma possibilidade. Indicam uma fronteira, além da qual a continuidade é impossível: “O general Juan Ponce Emile, ministro da Defesa, que propõe uma ‘política de linha dura’ para os rebeldes, sugeriu que seja imposto à guerrilha a fixação de uma data-limite para o início das negociações [...]” (E, 24-09, p. 9, c. 3); “[...] em substituição ao almirante José M. do Amaral, aposentado por ter atingido a idade-limite na carreira” (E, 16-09, p. 6, c. 1); “Além disso, pelo menos para S. Paulo, o prazo-limite de 30 de maio não será prorrogado” (E, 22-05, p. 2, c. 3).

Os acontecimentos que fazem a história política nacional e internacional contribuem com criações lexicais algumas vezes interessantes. Assim, a corrupção que atinge vários setores governamentais brasileiros e o descrédito de grande parte da população em relação aos governantes tornam possível o emprego de unidades léxicas com o elemento *fantasma*, que atribui o significado de inexistência ao substantivo determinado: “[...] a denúncia de A. Ermírio, do PTB, de que malufistas estão organizando diretórios-‘fantasmas’ no Interior, [...]” (E, 14-06, p. 4, c. 4); “Com o acréscimo de ‘discursos-fantasmas’, foi a dezoito o número de oradores numa sessão em que nem vinte deputados passaram pelo plenário; [...]” (E, 29-04, p. 2, c. 3); “[...] não significará tarefa impossível dar a todo eleitor uma novo título e, com isso, extirpar o eleitorado-fantasma, [...]” (E, 18-02, p. 3, c. 3); “[...] sem que fosse definida a responsabilidade pelo fato; aquisição de alimentos de firma-fantasma, entre outras” (E, 18-02, p. 4, c. 1); “[...] pretende demitir todos os ‘funcionários-fantasmas’ da Prefeitura, informou ontem sua assessoria” (F, 03-01, p. 20, c. 2); “Assembléia vai ouvir o ‘servidor-fantasma’ ” (manchete) (E, 12-02, p. 4, c. 4-5).

O substantivo *monstro* perde o significado de ser informe, que causa medo, e passa a significar, em *discurso-monstro*, *manifestação-monstro* e *operação-monstro* um longo discurso, uma grande manifestação e uma complexa operação: “E, num discurso-monstro, em frente ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, lança a última dose de veneno: [...]” (F, 15-11, p. 4, c. 2); “[...] culminando com a manifestação-monstro de anteontem, reprimida com violência pela polícia” (E,

06-12, p. 7, c. 5); “A polícia italiana montou uma operação-monstro de caça a dois presos que fugiram do cárcere de Rebibbia, [...]” (F, 25-11, p. 8, c. 5).

As eleições de 15 de novembro de 1986, em que houve inúmeras candidaturas aos cargos de deputado, governador e senador, permitiu a criação de unidades lexicais como *conselheiro-candidato*, *ministro-candidato*, *parlamentar-candidato*, *presidente-candidato*: “Na manhã de ontem, os conselheiros-candidatos [...] distribuíram seus panfletos aos colegas, [...]” (F, 09-07, p. 7, c. 3); “O altivo ministro Carlos Sant’Anna revelou, há dias, seu pressentimento: só sairiam os ministros-candidatos” (E, 15-01, p. 3, c. 5); “O parlamentar-candidato parte para a campanha com vantagem sobre os outros candidatos, [...]” (F, 24-06, p. 8, c. 2); “[...] enquanto nesta última [sigla PL] o presidente-candidato se refere ao candidato a governador que seu partido apóia somente num pequeno quadro inserido em sua fala” (E, 21-10, p. 3, c. 2). Essas eleições, assim como as realizadas em 15 de novembro de 1982, foram marcadas por comícios festivos, em que políticos e artistas alternavam-se nos palanques. Tivemos, assim, a *feira-comício* e o *show-comício*: “Quércia fez essas afirmações após discursar na feiracomício pela passagem do ‘Dia da Criança’ promovida pelo PMDB [...]” (F, 13-10, p. 5, c. 5); “Amanhã de manhã, participará, com mais vinte artistas, de um show-comício na praia de Boa Viagem, com a presença de Arraes” (E, 25-10, p. 7, c. 4).

A onda de atentados terroristas, muito freqüente na década de 80, propicia a criação de termos com o elemento *suicida*: “[...] que convidou os jovens do mundo inteiro, árabe ou não, a integrar-se em seus esquadrões-suicidas [...]” (E, 12-04, p. 3, c. 2); “[...] diante dos escombros do que foi a Embaixada dos Estados Unidos em Beirute, destruída por um carro-bomba (com um motorista-suicida) [...]” (E, 17-04, p. 11, c. 1); “Outro dirigente do ‘Partido de Deus’, xeque Ibrahim Amin, elogiou o terrorista-suicida que atacou a embaixada norte-americana, [...]” (E, 17-04, p. 11, c. 2).

O *corpus* político estudado registra também formações neológicas com os substantivos *compromisso*, *empresário* e *tanque*, que tiveram, cada um, apenas duas ocorrências: “Já o ministro da Administração, Aluizio Alves, 64, defendeu ontem a revisão da carta-compromisso da Aliança Democrática [...]” (E, 25-02, p. 5, c. 6); “[...] concluirão e encaminharão ao presidente Sarney o documento-compromisso do PMDB, [...]” (E, 25-02, p. 4, c. 1); “Portanto, no caso, ninguém pode considerar-se privilegiado pelo erro do candidato-empresário [...]” (E, 06-06, p. 2, c. 4); “O grande responsável pela inflação brasileira, [...] é o próprio Estado, principalmente o Estado-empresário” (F, 27-12, p. 2, c. 5); “É usada para treinamento de pilotos norte-americanos estacionados na América Central e base de aviões-tanques” (F, 21-12, p. 20, c. 6); “O material bélico de fabricação brasileira fabricado no Irã — carros-tanques e granadas de mão — [...]” (E, 29-11, p. 2, c. 1).

III. A análise dos substantivos compostos por justaposição revela-nos que alguns substantivos, que assumem a segunda posição da justaposição, como determinantes, são bastante produtivos e manifestam a tendência de se expandirem na língua portuguesa. Tal é o caso de *chave*, sobretudo, e também de *base*, *chefe* e *limite*.

Outros estudos realizados sobre o vocabulário jornalístico apresentam o mesmo tipo de composição. Num estudo que realizamos sobre as eleições de 15 de novembro de 1982, já aparecia o emprego de *feira-comício*, *show-comício* e *Estado-chave*, atestados no *corpus* que estudamos (1, p. 42). Num trabalho sobre a linguagem de periódicos pernambucanos, N. Carvalho recenseou *Estado-empresário* e *ministro-chefe*, também registrados em nosso *corpus* (5, p. 103-4). A A. recolheu outros compostos com elementos substantivos que apresentam produtividade nos jornais que analisamos, como *base* e *monstro*: *preço-base*, *salário-base* e *pai-monstro* (5, p. 105). O *Novo dicionário da língua portuguesa*, de A. B. de H. Ferreira, registra compostos como *homem-chave*, *posto-chave*, *carro-chefe*, *papamóvel*, *carro-bomba* e *carta-bomba*. Substantivos compostos com os elementos *chave* e *chefe* estão presentes no nosso *corpus* (v. II). A série com o elemento *móvel* aparece em compostos como *Montoro-móvel*, *Tancredo-móvel* (1, p. 40) e *petemóvel*, empregado no vocabulário político que analisamos: “[...] os duzentos carros de A. Ermírio, fotografados pela *Folha* há algumas semanas, já são quatrocentos, contra o petemóvel, filho único na frota do PT” (F, 26-09, p. 5, c. 1). Com bomba, temos o composto *sugestão-bomba*, também empregado no *corpus* estudado: “[...] que na próxima semana iria a Brasília levando uma ‘sugestão-bomba’ do prefeito Jânio Quadros para a reforma da Carta [...]” (E, 14-06, p. 2, c. 2). Esses fatos nos mostram que a série paradigmática está presente na formação de compostos substantivos justapostos.

O mesmo fenômeno ocorre em francês contemporâneo e já foi descrito por vários lingüistas. Numa análise efetuada por L.-Majumdar (8, p. 63-83) com neologismos compostos inventariados no jornal *Le Monde* durante o ano de 1955, a A. encontrou dezesseis substantivos com o mesmo comportamento que os elementos citados em nosso estudo. Tal como em português, é a unidade lexical *clé* (correspondente ao português *chave*) que se revela a mais produtiva, com trinta e um compostos. Para J. Dubois (6, p. 178), o primeiro exemplo da série em *clé* é *position-clé*, originário do vocabulário bélico utilizado na Segunda Guerra Mundial e decalcado do inglês *key position*. A amostragem que estudamos revela-nos o emprego de *posição-chave*, equivalente ao francês *position-clé*. Podemos ter recebido a série de formações com o substantivo *chave* diretamente do inglês *key position* ou por intermédio do francês *position-clé*.

J. C. Boulanger (3, p. 68) considera que as unidades lexicais autônomas como *-clé*, *-pilote*, *-cible*, *-témoin*, ... não mais funcionam como compostos e passam a exercer uma função sufixal. Esta é também a opinião expressa por

Dubois (6, p. 178-9), que declara que o segundo elemento da composição de unidades lexicais como *industrie-clé*, *mot-clé*, *position-clé* . . . perdeu sua significação primitiva e tornou-se até um novo signo. A diferença com a palavra composta propriamente dita, continua a A., deve-se ao alargamento do campo associativo e à perda progressiva do valor primitivo do segundo elemento de composição. Esse fenômeno ocorre frequentemente nos vocabulários técnicos (cf., por ex., a série — *réacteur* em *statoréacteur*, *carburéacteur*, *pulsoréacteur*, *quadriréacteur* . . .) e exerce um papel análogo ao dos elementos gregos (ex.: *barisphère*, *bathysphère*, *ionosphère*, . . .). Para J. Dubois, tais formações podem ser consideradas como uma característica do movimento sufixal francês contemporâneo. Essa é também a opinião manifestada por L. Guilbert, na introdução ao *Grand Larousse de la Langue Française* (cit. por L.-Majumdar, 8, p. 65). Para Guilbert, o segundo elemento tende a ter valor sufixal e esse esquema representa o esboço da formação de novos sufixos. Já P. Gilbert (*Dictionnaire des Mots Nouveaux*, 1971, cit. por Boulanger, 3, p. 68) considera tais elementos como o segundo membro da composição entre dois substantivos.

No *corpus* que estudamos, algumas das criações terão certamente um caráter efêmero, como *conselheiro-candidato*, *candidato-empresário* . . . Mais importante, porém, que a integração à língua portuguesa de todas as unidades léxicas arroladas, parece-nos ser a constatação da disponibilidade do emprego desses elementos na composição justaposta.

Os substantivos *candidato*, *chefe*, *comício*, *compromisso*, *empresário*, *limite*, *presidente*, *suicida* e *tanque* não perderam o significado original ao se tornarem compostos. *Base*, *chave*, *fantasma* e *monstro* perderam parte de seu valor primitivo e adquiriram outro valor semântico: *base* e *chave* imprimem um caráter superior ao substantivo determinado; *fantasma* nega existência ao primeiro substantivo e *monstro* adquire o valor de algo muito grande sem ser disforme. Desses elementos, *fantasma* e *monstro* constituem formações provavelmente efêmeras. Acreditamos que *base* e *chave* são os que mais se aproximam da função sufixal, tanto pela perda de parte da significação, como também, no caso de *chave*, pelo número considerável de criações léxicas.

ALVES, I.M. — Aspects of the nominal composition in contemporary Portuguese. *Alfa*, São Paulo, 30/31:55-63, 1986/1987.

ABSTRACT: Taking a corpus constituted by the political vocabulary of both newspapers the Folha de S. Paulo and the Estado de S. Paulo (systematic sample of 30%), we studied neologisms formed by substantive composition. We noticed that some nouns, which play the role of determinant elements, occupy the second position in the composition by juxtaposition so frequently, that they tend to lose a part of their meaning and to acquire a suffixal value.

KEY-WORDS: Political vocabulary; composition; suffixal derivation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, I.M. — A terminologia política no período pré-eleitoral. *Alfa*, 27:39-46, 1981.
2. BLOCHWITZ, W. — Le néologisme de sens dans le vocabulaire du français contemporain. In: CONGRESS INTERNATIONAL DE LINGÜÍSTICA si FILOLOGIE ROMANICA, 12, Bucaresti, 1970. *Actele*. p. 905-12.
3. BOULANGER, J.C. — Néologie et terminologie. *Néologie en Marche*, Montréal, 4:5-128, 1979.
4. BUENO, F. da Silveira — *Gramática normativa da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1963.
5. CARVALHO, N. — *Linguagem jornalística. Aspectos inovadores*. Recife, Secretaria da Educação, Associação de Imprensa de Pernambuco, 1983.
6. DUBOIS, J. — Mouvements observés dans les suffixations en français contemporain. In: DUBOIS, J. & DUBOIS, C. — *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris, Larousse, 1971. p. 133-97.
7. FERREIRA, A.B. de H. — *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio, Nova Fronteira, 1986.
8. LIFETREE-MAJUMDAR, M.J. — Composition nominale en français. *Cahiers de lexicologie*, 24(1):63-84, 1974.
9. LUFT, C.P. — *Moderna gramática brasileira*. 6. ed. Porto Alegre/Rio, Globo, 1985.
10. MARTINET, A. — *Elementos de lingüística geral*. Trad. do francês de Jorge Morais Barbosa. 3. ed. Lisboa, Sá da Costa, 1971.
11. MATTOSO CÂMARA JR., J. — *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio, Padrão, 1975.
12. PEREIRA, E.C. — *Gramática histórica*. São Paulo/Rio, Weiszflog Irmãos, 1916.
13. SAID ALI, M. — *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Rio, Acadêmica, 1971.